



## O PRECONCEITO RACIAL COMO TEMÁTICA PARA A LEITURA E COMPREENSÃO EM UMA TURMA DE EJA <sup>1</sup>

Claudenice da Silva Souza  
Joseane dos Santos Costa

Universidade Federal de Campina Grande ([clau909silva@gmail.com](mailto:clau909silva@gmail.com))

Universidade Federal de Campina Grande ([zeane.jo@hotmail.com](mailto:zeane.jo@hotmail.com))

Ao estagiarmos em uma escola estadual da cidade de Campina Grande-PB, percebemos, pelo pouco tempo que estivemos lá, que aqueles jovens têm um potencial para estudar e crescer. O estágio é um momento de descobertas e de colocar em prática teorias que fundamentam nossos estudos e nos acompanham em nossa trajetória acadêmica desde as primeiras disciplinas que nos foram disponibilizadas durante a graduação. Nesse sentido, nosso objetivo neste trabalho é demonstrar um pouco de nossa experiência com o estágio supervisionado no Ensino Fundamental em literatura. Tendo em vista que o mesmo nos permitiu adquirir conhecimentos e atitudes em relação à profissão que escolhemos exercer, nos possibilitando também perceber que ao assumirmos o lugar de "professor" nos exigiu bem mais do que deter uma elevada gama de conhecimentos acerca de determinados conteúdos, pois optamos por trabalhar a temática do preconceito racial a partir da literatura. Buscando fundamentar o nosso trabalho em sala de aula e consequentemente exercê-lo de forma que contribuísse para o efetivo aprendizado dos alunos no levante à literatura, organizamos atividades à luz de teóricos como COSSON (2014). O autor expõe em seus textos a importância da literatura como instrumento de reflexão, desde que ela seja utilizada de maneira adequada, pois a leitura literária requer uma preparação, uma antecipação, que só pode ocorrer se o professor conduzir e favorecer o processo de leitura como um todo. Leituras como *Negrinha* e *Pixaim*, de Monteiro Lobato e Cristiane Sobral, respectivamente, foram nosso foco no estágio e nos possibilitaram amplas discussões acerca da temática do negro na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Estágio supervisionado, Literatura, Sala de aula, Preconceito racial.

### Introdução

#### **Foi mudando, mudando**

*Tempos e tempos passaram  
por sobre teu ser.  
Da era cristã de 1500  
até estes tempos severos de hoje,  
quem foi que formou de novo teu ventre,  
teus olhos, tua alma?  
Te vendo, medito: foi negro, foi índio ou foi cristão?*

**Jorge de Lima – Poemas Negros**

<sup>1</sup> Trabalho realizado na disciplina Estágio de Literatura: Ensino Fundamental.



O tempo passa, novas gerações são formadas e mesmo assim, a sociedade insiste em dar diversas atribuições aos professores: educar, instruir, repassar ensinamentos, doutrinar, lecionar, dentre tantas outras responsabilidades que lhes são conferidas. As pessoas percebem o professor como o indivíduo capacitado para ajudar a formar cidadãos de bem, repassando-lhes conhecimento e ajudando a direcionar os alunos para um caminho de conquistas e sucesso. Desta forma, por vezes, se isentam da responsabilidade de contribuir positivamente, e principalmente de cobrar e exigir de si próprio, colocando a culpa dos seus insucessos na educação e nos profissionais que trabalham nesse setor.

Deparamo-nos cotidianamente com críticas em relação a professores, pedagogos e psicopedagogos, bem como ao sistema de ensino de forma geral. Sabemos que temos muito o que melhorar, mas que se assumirmos tamanha responsabilidade sozinhos não seremos bem sucedidos. Sabemos que toda profissão tem seus prós e contras, mas ao assumirmos o lugar de professores temos plena consciência de que estamos rodeados pelos sonhos de nossos alunos, por isso devemos contribuir e incentivá-los a construir seus conhecimentos para que assim possam alçar voos maiores. Na maioria das vezes, encontraremos empecilhos, que nem sempre será a falta de material didático ou de bibliotecas. Há casos em que o empecilho será o próprio aluno que, de tanto ser "nocauteado" pelos problemas que o circundam, deixa de acreditar em seu potencial, restando a nós acreditar por ele e buscar restaurar essa fé.

Diante disso, fica claro que o professor é um profissional que assume múltiplas tarefas. Como dar conselhos ao seu aluno que está triste; psicólogo, dar uma bronca diante do mau comportamento do mesmo, e ficar contente quando eles alcançam o que almejam. Acreditar na profissão que escolhemos é fundamental para que a educação do nosso país progrida de fato.

Quando se trata de uma disciplina como literatura, é impossível não ultrapassarmos limites que vão além do texto literário, os alunos, se incentivados, refletem acerca dos textos e até mesmo fazem ligações com suas vivências, fato que, muitas vezes, é colocado em dúvida.

Ao estagiarmos na escola Estadual José Pinheiro, percebemos, pelo pouco tempo que estivemos lá, que aqueles jovens têm um potencial para estudar e crescer utilizando-se dos mesmos, mas faltam-lhes incentivos, já que são estigmatizados por pertencerem a uma escola de ponto periférico. A sociedade os enxerga com olhos diferentes, com um preconceito sutil, mas profundo.

Mesmo assim, acreditamos na máxima de Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam



o mundo”. Partindo dessa simplória explanação sobre o ser professor e levando em consideração as palavras do Paulo Freire, optamos por trabalhar com os alunos textos que refletissem sobre a condição daqueles que sofrem preconceito racial. Para tal, comungamos da ideia de que os alunos, se estimulados, podem sim refletir sobre as questões sociais e humanas que envolvem a vivência em sociedade e que, a partir da literatura, é possível sensibilizar e provocar pensamentos e indagações sobre as nossas ações cotidianas.

## **Fundamentação Teórica**

O estágio é um momento de descobertas e de colocar em prática, teorias que fundamentam nossos estudos e nos acompanham em nossa trajetória acadêmica desde as primeiras disciplinas que nos foram disponibilizadas durante a graduação. Nesse sentido vivenciar o estágio supervisionado em literatura no ensino fundamental foi muito importante, visto que nos permitiu adquirir conhecimentos e atitudes em relação à profissão que escolhemos exercer, nos possibilitando também perceber que ao assumirmos o lugar de "professor" nos exigiu bem mais que deter uma elevada gama de conhecimentos acerca de determinados conteúdos.

Buscando fundamentar o nosso trabalho em sala de aula e consequentemente exercê-lo de forma que contribuísse para o efetivo aprendizado dos alunos no levante à literatura, organizamos atividades à luz de teóricos como COSSON (2014). O autor em questão deixa claro em seus textos a importância da literatura como instrumento de reflexão, desde que seja utilizada adequadamente, visto que a leitura demanda uma preparação, uma antecipação, que só pode ocorrer se o professor conduzir e favorecer o processo de leitura como um todo.

No entanto, essa tarefa não é nada fácil por diversas razões, como os aparatos tecnológicos, que são muito valorizados pelos jovens desta geração, e perpassando também questões sociais que envolvem a falta de incentivo à leitura, que vão desde a escassez de bibliotecas nas escolas públicas que poderiam aproximar os alunos dos textos literários até a falta de estímulos de seus familiares, que, por vezes, não têm quase nem um grau de escolaridade e não compreendem a importância da leitura para a formação das pessoas.

Dessa forma, é atribuída assim ao professor de língua portuguesa a árdua tarefa de em um curto período de tempo utilizar as suas aulas para despertar o interesse dos alunos pelo texto literário e fazer com que estes percebam as várias facetas do texto, e reflitam sobre o mesmo.



Diante de tudo isso, vale mencionar os questionamentos que são levantados por alguns, que não reconhecem a importância do professor de literatura, e que por vezes afirmam que basta deixar que os alunos se apropriem dos textos literários, não é necessário um grande esforço para fazê-los entender o que está inerente as obras lidas.

Em diversos momentos, nos deparamos com discursos de estudiosos da área afirmando que ao estudar literatura deve-se ter consciência que não se trata apenas da estética do texto, mas principalmente de fazer com que os alunos desenvolvam o gosto pela leitura e apreciem as obras literárias.

No quadro do ensino, temos todo o direito de dispensar o critério de satisfação, fazendo valer que as obras literárias não existem unicamente como realidades estéticas. Elas são também **objetos de linguagem** que – pelo fato de exprimirem uma cultura, um pensamento e uma relação com o mundo – merecem que nos interessemos por elas. Se a dimensão estética tiver sido levada em conta, não terá sido por si mesma, **mas por aquilo que ela significa e representa.** (JOUVE 2012, p.135, grifos nossos)

Percebemos, portanto, a partir das palavras do autor que se tratando de ensino, a produção literária não serve somente pelo seu conteúdo estético – podendo até mesmo o critério que o autor chama de satisfação – e sim porque ela é revestida de significados. Jouve (2012) argumenta, como vimos, que, em contexto de ensino, quando o critério estético é levado em consideração não ocorre por si mesmo, mas sim pelas teias significativas nas quais ele reside. Portanto, o texto literário precisa fazer sentido em relação direta com os diversos significados que os alunos podem relacionar e/ou acionar a partir da leitura dos mesmos.

Além das dificuldades em fazer com que o aluno se interesse pelas obras literárias, temos ainda que lidar com dificuldades de leitura, pois muitos alunos mal conseguem decodificar os textos e, conseqüentemente, as habilidades de interpretação destes também são afetadas, restando aos professores tentar minimizar essas dificuldades ao longo de suas aulas.

Tendo em vista todas essas dificuldades e o fato de que as obras literárias no ensino vão além do critério estético, é imprescindível que se trabalhe os textos por etapas de modo que a compreensão por parte dos alunos ocorra da maneira mais leve e relevante possível. O autor supracitado cita passos que culminam numa melhor maneira de levar para a sala de aula, a saber: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação.

Com o objetivo de que os alunos tenham interesse pelo que será lido é necessário que o professor realize uma boa motivação, que é o primeiro ponto da sequência. Em relação à introdução, Cosson (2014, p. 61) adverte que ela “não pode se estender muito, uma vez que sua função é apenas permitir que o aluno receba a



obra de uma maneira positiva”. É necessário, portanto, que o/a professor/a não se detenha a minúcias ou informações que nada possam acrescentar para os alunos. Ou seja, é importante que conte fatos que possam aguçar a curiosidade dos alunos introduzindo-os no universo literário que será abordado em seguida. O autor aconselha que se faça um breve apanhado sobre o que será lido atribuindo valor e importância aos contos selecionados.

Lembramos que na leitura é preciso haver um momento de livre compartilhamento das ideias e entendimentos gerados a partir da leitura, pois de acordo com o autor, esse é um momento que não pode ser substituído e é imprescindível no estudo dos textos artísticos – tanto literários quanto poéticos –, pois a discussão é o que faz com que as opiniões sobre o que foi lido sejam ampliadas, o que gera, então, um alargamento das visões. Falar livremente sobre os contos auxilia no entendimento e facilita a realização do objetivo da leitura, que é a percepção das histórias narradas e os sentimentos que surgem a partir das leituras, sejam de indignação, de pena, de revolta ou de alegria. O autor destaca que o momento externo é a parte da interpretação em que os alunos devem expor o que aprenderam a partir da leitura dos contos.

Destacamos que é preciso focar nos sentidos dos contos. Não podemos perder de vista a importância da literatura pela própria literatura, ou seja, o prazer de compreender do que fala um texto pertencente ao universo literário e quais os sentimentos que afloram em nós a partir da provocação da sensibilidade de cada um.

## **Metodologia**

O estágio supervisionado de literatura no ensino Fundamental foi realizado na Escola Estadual José Pinheiro, na cidade de Campina Grande. O estágio foi desenvolvido do período de 29 de março à 28 de abril de 2016, sendo realizado no período noturno, na modalidade de ensino EJA (educação de jovens e adultos) com turmas de 7º/8º/9º anos.

Para podermos iniciar o nosso trabalho, conversamos com a professora acerca das condições de leitura e interpretação da turma com a qual iríamos trabalhar. Também conhecemos os alunos antes de nossa atuação para que pudéssemos nos aproximar um pouco da realidade da turma, isto é, estivemos observando as aulas e a turma como um todo antes de atuarmos no estágio.



Trabalhamos a temática do sofrimento e do preconceito racial ao negro a partir de dois contos: Negrinha, de Monteiro Lobato e Pixaim, de Cristiane Sobral. Para que o trabalho fosse desenvolvido de modo mais significativo possível, levamos em consideração a sequência básica que Cosson (2014) sugere. Sendo assim, para cada um dos contos trabalhados em sala, nos utilizamos de uma **motivação** específica – pensada para cada conto individualmente. Em seguida, explanávamos de modo **introdutório** a trajetória do autor do conto em questão, Monteiro Lobato ou Cristiane Sobral, falamos de suas vidas, momentos históricos, livros publicados, para poder realizar a **leitura** e enfim, a **interpretação** de cada conto.

## **Resultados e Discussão**

Para a motivação do primeiro conto, levamos duas imagens, uma de uma menina que representava Negrinha e outra com dois escravos e uma senhora. Chamamos atenção para os tons claro e escuro na imagem e para os olhos muito abertos, que pareciam assustados. Depois os alunos ressaltaram o fato de os dois escravos estarem de pés descalços (segunda figura) e a mulher branca estar comodamente sentada.

Após a motivação com as figuras, fomos para a introdução: falamos um pouco de Monteiro Lobato. Inicialmente, perguntamos quem já havia assistido a *O sítio do pica-pau amarelo* e praticamente todos confirmaram que sim. Então, dissemos que ele nasceu na época numa época de transição da escravidão para a alforria – abolição – e que ele foi um escritor comprometido com as questões sociais e políticas de sua época. Voltamos às imagens justificando que leríamos um conto desse autor em que uma menina negra sofria muito e que a época era da escravidão, mesmo que já tivesse abolido, pois os negros continuavam sofrendo.

Essa duas etapas iniciais para poder realizar a leitura foram importantes porque prenderam a atenção dos alunos para o que iríamos realizar em seguida. Com as imagens, eles já sabiam mais ou menos quais os personagens do conto que seria lido como também puderam inferir qual a temática abordada. Após a leitura eles tirariam suas próprias conclusões.

Quando entregamos os contos para eles em duplas, escutamos muitos reclamando do tamanho, “É muito grande!”, diziam. Mas nós



conversamos com eles e orientamos que um texto bom pode ser pequeno ou grande, que mesmo assim “a gente acaba gostando, não importa o tamanho”. Ou seja, deu para perceber que os alunos não tinham o hábito da leitura e ainda que tenhamos feito a motivação eles quase se recusaram a ler. Quando começamos a leitura, alguns alunos que estavam lá atrás pararam de conversar.

Após a leitura do conto, travamos com eles uma discussão. Primeiro, sobre o que eles acharam do conto. Como era esperado, os comentários foram direcionados para a Dona Inácia, eles afirmaram que ela era muito mau, muito desumana e cruel. Encaminhamos, então, a discussão para uma reflexão voltada para a situação de opressão em que os negros viviam na época. Percebemos que quando falávamos da tristeza de Negrinha e da ironia do narrador ao dizer que a patroa era uma excelente senhora eles compreenderam de modo primordial. Nas outras aulas, passamos atividades escritas para que expusessem por escrito o que haviam compreendido e se sabiam voltar ao texto para encontrar informações.

Para o conto Pixaim, realizamos a motivação com a música "Olhos coloridos", de Sandra de Sá. Quando ouviram, os alunos tiveram de responder duas perguntas, uma relativa às marcas do preconceito na música e a outra em relação à afirmação do negro como um ser igual a todos.

Para a introdução, falamos um pouco sobre quem é Cristiane Sobral, autora do conto "Pixaim". Depois, entregamos o conto "Pixaim" para a leitura. Realizamos a leitura oral, e posteriormente provocamos uma discussão acerca da temática do texto. Conduzimos a reflexão para possíveis associações com a música "Olhos coloridos" e com o conto "Negrinha", de Monteiro Lobato. Percebemos que os alunos conseguiram responder as questões com mais facilidade, sem demorar muito a responder, também fizeram associações com propriedade em relação ao conto Negrinha e à música.

Também trabalhamos com alguns elementos da narrativa. Apontamos alguns elementos no conto Negrinha e pedimos para identificassem no segundo conto trabalhado. Os alunos tinham expressões confusas em relação ao assunto, aquilo era algo totalmente novo para eles.

Para finalizar, nosso estágio pedimos que escrevessem em poucas palavras o que achavam sobre o preconceito racial. Para ficar mais claro, pedimos que opinassem: o preconceito acabou? Como as pessoas que sofrem preconceito se sentem? O que você acha que é o preconceito racial? Etc. Dessa forma ficou muito mais fácil para eles essa pequena produção. Vale dizer que sugerimos que relacionassem com tudo que leram e ouviram durante as aulas. Nosso objetivo era que pudéssemos analisar



se os alunos depreenderam os sentidos que os textos buscavam despertar neles enquanto leitores em formação. Conversamos com os alunos, sobre tudo o que foi discutido acerca da temática inerente aos textos abordados em sala de aula, e nos despedimos da turma.

Os textos produzidos por eles demonstraram que há uma ideia já formada de que o preconceito não leva a nada. Todos os alunos citaram a questão do respeito ao próximo. Muitos citaram outros tipos de preconceito, em relação aos homossexuais, aos deficientes etc. Em diversos casos, os alunos se utilizaram como exemplo, apontando que também sofriam preconceito, seja por sua cor ou por seu jeito de se vestir. Eles colocaram relatos pessoais para poder explicar a temática pedida.

Vale mencionar que a eles foi orientado citar os personagens dos contos trabalhados como exemplo ou a música com a mesma temática. Porém, eles não fizeram essa relação diretamente, embora alguns tenham citado a senzala e o modo como acontecia o preconceito antigamente. Portanto, relacionar por escrito o que leem ou mobilizar outras produções para auxiliar a sua própria produção são coisas que os alunos da turma de estágio ainda não fazem.

Em contrapartida, colocaram bem a questão de que o preconceito existe há muito tempo e que já deveria ter acabado. Dessa forma, vimos que eles adentraram na questão a partir dos contos e que se sentiram motivados para escrever os textos que pedimos, ainda que no início tenham resistido um pouco com alguns comentários em relação a ter de escrever um texto ou à extensão de um texto ou ainda que não sabiam escrever.

## **Conclusão**

Após explanarmos nossa vivência e diante do que expusemos sobre as dificuldades do professor principalmente em relação à literatura, é fato que a docência não é algo fácil. Pensar um trabalho voltado para os sentidos do texto principalmente, tendo em vista a dimensão e humana, sutil e delicada que há em cada texto literário. Se pensarmos na temática que escolhemos para o nosso trabalho, isso se torna ainda mais profundo e subjetivo, já que não é difícil vermos ainda hoje jovens sofrerem preconceito por causa de sua cor.

O professor de Português tem o desafio de recriar o modo de apresentar o texto literário aos alunos e conduzir a interpretação para algo que faça sentido para eles. Por isso, Cosson – tão comentado neste trabalho – define as etapas de abordagem da literatura na sala de aula. É preciso que haja uma motivação para que os alunos se interessem pelo que o professor traz. Com isso, sabemos que os mestres não podem apenas



chegar à sala de aula e apenas entregar um texto ao aluno. É importante que eles façam inferências, que relacionem com o que já viram, viveram – ou vivem –, que tenham o mínimo conhecimento sobre o autor para que a leitura seja realizada e a interpretação seja significativa. Assim também é importante o modo de saber se os alunos conseguiram interpretar a obra literária, não se prendendo a exames que fatigam o contato com a literatura, muitas vezes, minando as expectativas de que eles possam se tornar leitores no futuro.

Os alunos do estágio, apesar das dificuldades de leitura e de escrita, acabaram gostando dos contos. É interessante relembrar que no início do primeiro conto, muitos não quiseram nem ao menos pegar as folhas do conto. Contudo, à medida que realizávamos a leitura, eles foram olhando, foram gostando e, ao terminarmos, foram comentando, se sensibilizando, opinando. Quando fomos para o segundo conto, já não houve problemas, leram sem questionar ou reclamar. Participaram bastante da discussão e se detiveram bem à leitura.

Portanto, os professores não podem desistir da leitura com os seus alunos, ainda que estes digam não gostar de ler. É fato que a eles nunca foi apresentada uma abordagem significativa do texto literário eles nunca gostarão. É preciso procurar modos de apresentar os textos a eles, incentivá-los, provocar reflexões e exposição de opiniões sobre o que leram.

Os alunos da EJA mesmo estigmatizados como alunos que nada querem são alunos que precisam despertar para a aprendizagem. A turma de nosso estágio nos fez concluir isso. Eles demonstraram que entenderam a temática e produziram textos sem aquela velha reclamação “estou sem ideias, professora”. Isso se deu porque trabalhamos com eles textos que abordavam a temática e, como eles gostaram de ler, compreenderam o que estava escrito lá.

### **Referências bibliográficas**

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2ª ed., 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

JOUVE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

LOBATO, Monteiro. **Negrinha**. In.: Os cem melhores contos brasileiros do século. Editora Objetiva — Rio de Janeiro, 2000, pág. 78.

SOBRAL, Cristiane. **Pixaim**. 2011. Disponível em: [blogspot.com.br](http://blogspot.com.br) acesso em: Març. de 2016.